

**LUZES SOBRE O PASSADO PARANAENSE: A RESSIGNIFICAÇÃO DAS
REDUÇÕES JESUÍTICAS NO NOVO ROMANCE HISTÓRICO *GUAYRÁ* (2017),
DE MARCO AURÉLIO CREMASCO**

***ENLIGHTENING ABOUT PARANÁ'S PAST: THE REMEANING OF JESUITIC
REDUCTIONS IN THE NEW HISTORICAL NOVEL *GUAYRÁ* (2017), BY MARCO
AURÉLIO CREMASCO***

Thiana Nunes Cella¹

Mestra em Letras

Instituto Federal do Paraná – Campus Coronel Vivida

(thianacella@gmail.com)

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar como a narrativa ficcional confere novas nuances sobre a historiografia tradicional paranaense a partir da análise do novo romance histórico *Guayrá* (2017), de Marco Aurélio Cremasco, o qual apresenta uma versão não retratada nos livros didáticos e compêndios da história oficial do Estado: a versão dos vencidos. *Guayrá* reelabora o início do século XVII, no espaço em que atualmente identifica-se o Paraná, e apresenta a versão da população indígena, obliterada pelo discurso histórico hegemônico. Nesse período, grande parte desse território pertencia à Espanha, e era ocupado pelas reduções jesuíticas de espanhóis. É esse espaço e tempo que Cremasco, por meio de extensa pesquisa histórica bibliográfica, reelabora e evidencia. Dessa forma, o romance concretiza-se em uma narrativa que descreve os conflitos entre as nações indígenas, bem como aqueles entre indígenas e os colonizadores portugueses e espanhóis, a partir do olhar autóctone, alocado num espaço de luta e resistência, marcado por muita violência e massacres. Estruturalmente, *Guayrá* configura-se como um novo romance histórico latino-americano, consoante a Fleck (2017), Menton (1993) e Aínsa (1991), o qual é marcado por seu posicionamento crítico frente ao passado, com postura formal experimentalista e desconstrucionista, que converge para a construção de um texto plural, questionador, o qual é capaz de ressignificar o discurso histórico eurocêntrico e colonial imposto como verdadeiro e único.

Palavras-chave: História paranaense. Novo romance histórico latino-americano. Reduções jesuíticas.

ABSTRACT: This article aims to show how the fictional narrative presents a new view of the traditional historiography of Paraná through an analysis of the new historical novel *Guayrá* (2017), by Marco Aurélio Cremasco, which shows a version does not portrayed in textbooks and official History compendium of the State: the version of the losers. *Guayrá* re-elaborates the beginning of the seventeenth century in the geographic space, currently identified as Paraná, and presents a version that chocks with the hegemonic historical discourse: the voice of the indigenous population. During this period, most of this territory belonged to Spain and was occupied by the Jesuit reductions of Spanish groups. It is this space and time that Cremasco re-elaborates and evidences through an extensive historical research. Thus, the novel materializes itself as a narrative that describes conflicts between indigenous nations, as well as the ones between indigenous and Portuguese and Spanish colonizers which are portrayed in the narrative through the autochthonous perspective, located in a space of struggles and resistance, marked by violence and massacres. In its framework, *Guayrá* is

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, linha de pesquisa Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados; integrante do grupo de pesquisa Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização.

configured as a New Latin American Historical Novel, according to Fleck (2017), Menton (1993), and Aínsa (1991), which is characterized by a critical position toward the past, with experimentalist and deconstructionist stance, converging to the construction of a plural, questioning text that is capable of re-meaning the Eurocentric and colonial historical discourse forced as true and unique.

Keywords: History of Paraná. New Latin American Historical Novel. Jesuit reductions

Introdução

Por muito tempo o passado paranaense esteve na semiobscuridade, em especial, quando se refere à versão que não é retratada nos livros didáticos e compêndios da história oficial do Estado, a versão dos vencidos. Dessa forma, o objetivo deste texto é lançar novas luzes sobre a historiografia tradicional paranaense a partir de uma análise crítica do novo romance histórico latino-americano *Guayrá* (2017), do professor e ficcionista paranaense Marco Aurélio Cremasco.

Na busca de preencher os hiatos deixados pela historiografia, *Guayrá* (2017) ressignifica o início do século XVII, no espaço em que atualmente identifica-se o Paraná, e apresenta a versão que foi calada pelo discurso histórico hegemônico: a versão da população autóctone. Nesse período, grande parte desse território pertencia à Espanha, e era ocupado pelas reduções jesuíticas de espanhóis nas margens de rios como o Paraná, Paranapanema, Iguaçu, Tibagi, dentre outros. É nesse espaço e nesse tempo que Cremasco, por meio de extensa pesquisa histórica bibliográfica e estudos aprofundados das línguas Kaingáng e Tupi, reelabora versões oficializadas e evidencia as singularidades de uma colonização pautada no abuso, na violência e no autoritarismo.

O romance concretiza-se em uma narrativa que descreve os conflitos entre as nações indígenas, com os jesuítas, bem como com os bandeirantes, portugueses e espanhóis, a partir do olhar autóctone, alocado num espaço de luta e resistência, marcado por muita violência e massacres. *Guayrá* configura-se como um novo romance histórico latino-americano, consoante à aceção de Fleck (2017), Menton (1993) e Aínsa (1991), o qual é marcado por seu posicionamento crítico frente ao passado, com postura formal experimentalista e desconstrucionista. Na obra ora analisada, há a presença de personagens históricas amalgamadas a figuras ficcionais; a acurada manipulação da linguagem reelabora criticamente mitos, lendas, aspectos geográficos e culturais da época; a tessitura apresenta estratégias bakhtinianas como

a polifonia e a heteroglossia, bem como recursos intertextuais, especialmente com o texto bíblico; dentre outras particularidades. Tais aspectos convergem para a construção de um texto plural, questionador, subversivo, capaz de ressignificar o discurso histórico eurocêntrico e colonial imposto como verdadeiro e único.

A análise realizada divide-se em duas partes: na primeira, intentamos aproximar o discurso apresentado na diegese ficcional aos discursos concebidos pela historiografia oficial. Na sequência, apresentamos alguns elementos estético formais e estruturais que compõem a diegese e tornam essa narrativa representativa do que se considera um novo romance histórico latino americano.

Antes de adentrarmos à abordagem ao texto literário, salientamos que a presente análise, ainda preambular, é parte de projeto de pesquisa que investiga a trajetória do romance histórico paranaense, objeto de tese doutoral desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e vinculado ao grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização”, Cnpq/Unioeste.

Guayrá: novas luzes sobre o passado paranaense

O termo *Guayrá*, de origem indígena, relaciona-se à denominação de uma tribo indígena que habitava as margens do rio Paraná, nas imediações de Sete Quedas. Também pode denominar como era chamada a região em que hoje se estende entre o norte, noroeste, sudoeste e centro do estado do Paraná, delimitada pelos rios Paraná, Paranapanema, Tibagi, Ivaí, Piquiri e parte do Iguaçu. *Guayrá* (ou *Guayracá*) ainda se relaciona à existência de um influente cacique, cujo poder se estendia pelo rio Paraná, sobre o qual, devido às suas características geográficas, está associado às cataratas Sete Quedas do Rio Paraná. Em uma análise mais aprofundada, de acordo com Marco Aurélio Cremasco (2017, p. 306), autor do romance, a palavra pode ser dividida da seguinte maneira: “GUA”: algo ou alguém que pertence a determinado tempo e espaço; “Y”: atributo do que é capaz de resistir, não arrebentar ou quebrar; “R”: ocorre em construções possessivas, indica o elemento possuído; “A”: pronome demonstrativo: aquele lugar, direção, maneira. Assim, *Guayrá* pode ser compreendido como sinônimo de resistência: lugar que resiste, terra intransponível; tempo que persiste, tempo que resiste.

A narrativa híbrida de história e ficção homônima, aqui analisada, também é sinônimo de resistência, de combate frente ao esquecimento e ao apagamento de versões do passado paranaense, negligenciadas pela historiografia oficial. É sob esse prisma que desenvolvemos a análise a seguir.

Nuances do discurso histórico nas reduções ficcionais de *Guayrá* (2017)

A narrativa ficcional de extração histórica *Guayrá* (2017), de Marco Aurélio Cremasco, apresenta a violenta história das reduções guaraníticas da província do Paraguai, no início do século XVII, no interior do que hoje conhecemos como local fronteiro entre o Paraná, no Brasil, a Argentina e o Paraguai. Esse romance, por meio de intrincados recursos narrativos, funde elementos históricos a artifícios, personagens e elementos ficcionais. Descreve a trajetória da personagem Itawerá, também chamado de Jesus e Jesus Itawerá, indígena que busca a vingança pela morte de seu pai, Atyguajé, líder da comunidade em que viviam antes da chegada dos jurua – também chamados de mamelucos, jesuítas, campeiros, estrangeiros, dentre outras nomenclaturas como eram denominados os não nativos no romance. Tal fato altera completamente o curso da história daqueles grupos. Ao mesmo tempo, a narrativa acompanha a representação dos ataques bandeirantes às reduções do Guayrá, que culminam com a fuga dos guayrenhos pelo Paranapanema, guiados pela personagem Antonio Ruiz de Montoya, reconhecida personalidade histórica que é reelaborada e desmistificada no universo diegético. Ao término da narrativa, após a morte de milhares de indígenas e a destruição de centenas de *villas*, a travessia da personagem Itawerá reduz-se à busca pela Terra sem males, representativa tanto do paraíso cristão, como de um local livre.

O início dos conflitos é assim anunciado: “A paz no Paku foi rompida quando os campeiros atacaram a aldeia de Guaimbaró, na beira do Pirapó. Guaimbaró buscou ajuda de Mboixá para vingar a morte de tantos.” (CREMASCO, 2017, p. 18). Dessa maneira dá-se início à representação e à narração de inúmeros episódios de conflitos violentos entre indígenas e estrangeiros: “Com o tempo combateram, expulsaram invasores espanhóis e portugueses que se aventuraram por aquele tekoá” (CREMASCO, 2017, p. 18).

A presença dos primeiros jesuítas é descrita, tal como toda a narrativa, com referências às crenças religiosas anteriores, com o olhar curioso do autóctone que estranha as criaturas recém-chegadas:

Junto deles, dois estrangeiros: altos, tez branca, cobertos por vestes escuras, estranhamente, até os tornozelos. Pelos faciais quais macacos. Portavam duas taquaras nas mãos: a menor, posta cruzada, pouco acima do meio da taquara maior, lembrando os troncos das palmeiras que sustentam a rede de Nhanderu (CREMASCO, 2017, p. 23).

Nhanderu, também chamado de *Nhamandu*, é a denominação do deus supremo de origem tupi-guaraníca, figura mitológica criadora de outras deidades, tais como *Tupã*, *Karai*, *Nhandu Karai*, as quais também são inseridas na tessitura narrativa de *Guayrá*. Essa, aliás, é uma particularidade relevante para a compreensão e exame da diegese: Marco Aurélio Cremasco realiza uma investigação histórica, cultural e linguística detalhada, e, assim, constrói circunstâncias e retrata, com esmero, mitos, crenças religiosas, costumes tradicionais, aspectos da geografia.

Por meio da inserção desses dados de pesquisa histórica e linguística a narrativa possibilita ao leitor uma proximidade bastante intensa com a perspectiva autóctone, causando estranhamento ao leitor desatento, que espera uma narrativa fluída e leve em *Guayrá* (2017), o que, de fato, não corre. Junto a esse artifício de configuração linguístico-cultural, está presente a beleza estética em seu discurso, o que torna o texto, muitas vezes, poético. Para exemplificar essas características, o trecho a seguir apresenta a personagem Atyguajé, contando ao filho uma lenda sobre uma história de amor não correspondido, que originou a criação da ariranha e do deus *Guaryrakã*:

Yasy se revelou por não ter correspondido a Yrupê. Rogou Nhanderu que lhe desse uma lembrança daquele amor. O nosso pai tomou duas pétalas da flor yrupê, uma branca e outra vermelha: da primeira, criou o guairaká, a ariranha feroz e protetora do Paranapané, e com a segunda, fez brotar o sangue de Yrupê e desse sangue renasceu a flor do Paranapané para se unir a Yasy. Da união dessa flor com alua, nasceu Guaryrakã, o senhor do Guayrá, o antepassado que nos gerou, amparou e que está enterrado aos pés de yvyrasy do Paku (CREMASCO, 2017, p. 82).

Esse momento fraternal entre pai e filho, no entanto, é rompido por uma sequência violenta de espancamento. Essa é outra peculiaridade relevante na

narrativa: a violência extrema. Carnificinas, rituais de canibalismo e misticismo violento permeiam todo o romance. Os embates entre os povos indígenas e entre indígenas e colonizadores espanhóis e portugueses durante os embates com os bandeirantes são constantemente reelaborados por meio de descrições detalhadas. Dessa maneira, Cremasco traz à luz uma perspectiva até então tragada pelo discurso histórico eurocêntrico. Apresenta, portanto, a ótica da população autóctone, indígena, massacrada, explorada, dizimada e, sistematicamente, esquecida. *Guayrá* (2017) é exímio ao apresentar a visão dos vencidos, ou a história vista de baixo, na acepção de Jim Sharpe (1992), pois retrata uma versão da história a contrapelo da historiografia convencional, que, baseada em documentos, retrata os grandes acontecimentos e feitos de heróis reconhecidos pelo poder eurocêntrico, exaltando-os.

Consoante a Fleck (2017, p. 57), os registros oficiais realizados por meio da perspectiva eurocêntrica são motrizes para a produção literária de romances históricos latino-americanos, em especial em relação às releituras que dialogam e reelaboram os períodos do descobrimento, da conquista e da colonização. Nesse sentido o autor afirma que

[...] a visão unilateral dos registros efetuados pelos cronistas e conquistadores europeus ganha novas perspectivas nas obras dos romancistas históricos latino-americanos. Estes buscam desterritorializar o espaço imaginário que foi territorializado pela escrita eurocêntrica, assim como foi o espaço geográfico, e, pelas releituras críticas da história, empreendem a reterritorialização desse espaço com perspectivas do passado no qual o protagonismo não se restrinja aos “heróis sacralizados” pelo discurso historiográfico hegemônico, territorialista e excludente, mas evidencia também a experiência das margens, das vozes silenciadas, das comunidades e dos sujeitos propositalmente negligenciados nos relatos oficiais. Nessas escrituras híbridas críticas, o discurso historiográfico é, em grande parte, abertamente contestado na busca de mostrar outros ângulos dos fatos registrados pela escrita europeia da época e, finalmente, dar voz aos vencidos (FLECK, 2017, p. 57).

Assim, por meio de extensa pesquisa bibliográfica histórica, Cremasco reproduz uma possível versão do passado paranaense que a historiografia oficial insiste em negligenciar. Entramos, aqui, no embate sobre a capacidade representativa dos discursos histórico e literário. Quando afirmamos que essa é uma possível versão dos fatos, a apontamos e a entendemos como uma produção literária ficcional que é

capaz de dialogar com elementos históricos factuais e de reproduzir, pela mesma técnica da escrita utilizada pela historiografia, um momento da história nacional. Nesse sentido, enquanto a veracidade é o traço esperado no campo historiográfico, baseada e comprovada por recursos documentais, múltiplas perspectivas, ancoradas em possibilidades de visões diferenciadas, são almejadas na narrativa literária (MILTON, 1992, *apud* FLECK, 2017).

É por meio da verossimilhança, das possibilidades variadas ancoradas em distintos pontos de vista, que a ficção alcança a representação do passado enquanto referente. Isso não quer dizer, no entanto, que a ficção não seja capaz de sustentar alternativas em relação à versão oficializada, pois ela se vale da construção de discursos, pela manipulação da linguagem, da mesma forma que a historiografia o fez na construção de sua versão. Pelo contrário, por possuir maior liberdade representativa e recursos escriturais não limitados por um método, o discurso ficcional possibilita a representação de versões que nem sempre o discurso histórico é capaz de promover. Mario Vargas Llosa (2007, p. 16), por essa perspectiva, afirma que as “fraudes”, as elaborações e exageros da literatura servem para expressar “*una curiosa verdad, que sólo puede expresarse encubierta, disfrazada de lo que no es.*”

Em *Guayrá* (2017), os elementos históricos estão intrinsecamente amalgamados à ficção. Fatos e personagens históricos se misturam à mitologia, às lendas guaraníticas e tupis, e à elaboração criativa do autor. Junto a essa reconstrução histórica, há a reelaboração crítica, desmistificadora e de resistência contra o apagamento dessa memória. Exemplar dessa postura são as inserções de críticas e comentários sobre a Igreja, as quais mostram o caráter articulista e dúbio da instituição, bem como de seus seguidores: “A máscara da Igreja é como as máscaras da comédia e da tragédia grega: depende de como a manipulamos, ela mais bem nos acomodará à face” (CREMASCO, 2017, p. 227). A desmistificação dos representantes religiosos também ocorre em toda a narrativa, seja por meio de posturas desonestas, mentiras e artimanhas arquitetadas por suas personagens, seja pelas inclusões de diálogos satíricos (muitas vezes, com vocabulário vulgar): “Aconselharei os irmãos da Ordem para explorarem esse demônio, dizendo que, em vez de corda para enforcar, ele sufoca com um pênis monstruoso aquele que se aventura à mata para fornicar” (CREMASCO, 2017, p. 96), ou pela presença de episódios sobre a sexualidade (ainda que reprimida) dos mesmos:

Nudez coberta. Pecado descoberto, instalado. Santos postos em todos os cantos das reduções. O medo das profundezas infernais. A cabra monstruosa à espera do pecador. Tudo é pecado. Tudo. [...] Tenho em mãos, Irmão Diego, cartas dos espanhóis de Villa Rica que nos acusam de indolentes, perniciosos – disse, enfurecido, Oñate. – Leia, leia. Alegam que aprisionamos os gentios e o pior. Pior, padre Oñate? – perguntou Diego de Torres. Lançamos mão do flagelo para aplacarmos a luxúria – alardeou Oñate. – Acusam Ruíz de Montoya desse pecado e por ele ter oferecido o próprio corpo às formigas, cujo tamanho passa de quatro vezes daquelas encontradas na Europa. Nada é fácil, padre Oñate – retrucou Diego de Torres (CREMASCO, 2017, p. 60).

Ainda em busca de desestabilizar a percepção do universo narrativo e contestar o discurso histórico oficial, a forma como em alguns momentos as vidas humanas e a morte da população são tratadas causa estranhamento devido à animalização e objetificação da população. Essa ojeriza, entretanto, também é proposital, constituinte de uma estratégia narrativa para desestabilizar o leitor e potencializar sua percepção crítica, como é possível observar no seguinte excerto:

Cabeças mortas no Guayrá. Cadáveres aos abutres. O que resta é conduzido com paciência e prudência, pois o destino reserva mais do que gado e substitui a carne humana no apetite voraz da fome. Chega cabisbaixo, o gado. Chega e, imediatamente, é posto em um curral. Rumina o tempo, o tempo de ser abatido. Os velhos guayrenhos veem-se naqueles animais. O futuro que se apresenta nada difere do destino de ser vaca (CREMASCO, 2017, p. 55).

Esses paralelismos e comparações são formas de ressignificar, pela ficção, um passado antes apresentado sob uma ótica outra, voltada à missão catequizadora da igreja e à salvação das almas dos nativos. Mais uma vez, essas características aproximam *Guayrá* (2017) ao que denominamos de novo romance histórico latino americano, na acepção de Fleck (2017), Menton (1993) e Aínsa (1991), pois apresenta uma postura crítica e desconstrucionista, linguagem e recursos narrativos experimentalistas, bem como estratégias pautadas na dialogia bakhtiniana, a heteroglossia e a polifonia, bem como as intertextualidades, postuladas por Kristeva (1974) e Genette (2006). Esses aspectos serão o foco da análise a seguir.

Desconstrução e experimentalismo como recursos narrativos da perspectiva ex-cêntrica

Conforme vimos demonstrando, a narrativa *Guayrá* (2017) articula-se intimamente ao discurso histórico sobre as reduções guaraníticas no interior do estado do Paraná, entre os anos de 1610 e 1628. A postura desse romance é bastante crítica, pois procura desestabilizar a leitura e o entendimento da história, a fim de interpelar e examinar, a contrapelo, o passado e ressignificá-lo pelo discurso ficcional. Além dessas propriedades determinantes, a narrativa híbrida aqui analisada também explicita traços desconstrucionistas e experimentalistas, a saber: a necessidade de desmitificar (ou humanizar) e desestabilizar percepções históricas consolidadas; e o experimentalismo em relação ao trabalho com a linguagem literária. Tais características, junto a algumas estratégias bakhtinianas fazem com que *Guayrá* (2017) conforme-se na modalidade denominada por novo romance histórico latino americano, nas acepções de Fleck (2017), Menton (1993) e Aínsa (1991)².

Consoante a Fernando Aínsa (1991, p. 83), a releitura da história proposta pelo discurso ficcional nos novos romances históricos latino-americanos possibilita a impugnação das versões oficiais da história e, assim, oportunizam os questionamentos relativos ao que é considerado como “verdade” pelo discurso hegemônico. Para alavancar essa desestabilização e elevá-la ao nível estético formal, *Guayrá* (2017) dispõe de estratégias narrativas que valorizam o pluriperspectivismo, na acepção de Fleck (2008, p. 34), as quais são consideradas como “meio de conjecturar distintas visões do evento histórico”. A tessitura diegética de *Guayrá* (2017) apresenta intensa multiplicidade de perspectivas, o narrador é raramente identificável, a pluralidade de personagens e até mesmo a variedade de nomenclaturas para a mesma personagem amplificam as possibilidades significativas. Essa pluralidade de perspectivas e de interpretações inviabiliza o acesso a uma versão única do passado histórico, pois instiga o enfrentamento entre prismas

² Atualmente, consoante a Fleck (2017), a postura frente ao discurso histórico das narrativas de extração histórica é definida e percebida sob três grandes tipologias: 1- a acrítica, constituída pelas modalidades clássica e tradicional; 2- a tipologia crítica/desconstrucionista, formada pelo conjunto dos novos romances históricos latino-americanos e a metaficção historiográfica; e, 3- finalmente, a tipologia mediadora, representada pela modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. As duas modalidades críticas/desconstrucionistas são marcadas pelas estratégias desconstrucionistas e os experimentalismos formais e linguísticos, enquanto a mediadora, mesmo sendo crítica em relação à ideologia hegemônica da escrita historiográfica tradicional, é assinalada pelo caráter mediador entre as tipologias acrítica e a mais desconstrucionista.

contraditórios (AÍNSA, 1991), e fragiliza a legitimidade da história oficial. No romance paranaense, essas características podem ser ratificadas no excerto a seguir, em que as múltiplas perspectivas, bem como a postura de resistência indígena, suscitam a reflexão crítica sobre o passado:

Os ataques verbais de Maceta continuavam em Loreto. Cataldino, em Inácio, resignava-se a informar os passos, as palavras do cacique, e ordenou a Maceta que encontrasse meios para isolar Kuarasy. Atyguajé soube da intenção dos inacianos e reuniu o conselho de Ytaúbusu, para o qual convocou Jaguapytã. – Os padres nos põem em guerra. Anhá os trouxe na suavidade das falas para nos privar do antigo e bom modo de viver. Não basta cercearem nossa liberdade, ainda querem nos reduzir à sua maneira de viver? Não permitiremos: ou os expulsamos ou os devoramos. Decidiram pela expulsão dos padres. Jaguapytã argumentou que a sua aldeia nunca estivera tão bem [...] (CREMASCO, 2017, p. 75).

Junto ao pluriperspectivismo, ocorrem alguns dos recursos escriturais bakhtinianos, alicerçados na máxima dialógica: a heteroglossia, a polifonia e a paródia. Tais características têm como princípio identificador as relações, mais ou menos entrecruzadas, entre as diferentes entidades discursivas presentes no texto literário. No texto polifônico, a multiplicidade ocorre por meio de vozes ideologicamente distintas que resistem ao discurso autoral e são representativas da diversidade social que o autor pretende representar na sua escrita. Por meio da linguagem, portanto, evidencia-se a interação de distintas perspectivas para representar modos de ver, de entender e agir sobre o mundo.

A heteroglossia, no entanto, é a pluralidade de falares, expressões e ideologias em permanente interação, composta pela múltipla confluência de vozes, estilos, intenções, opiniões, gêneros. Em *Guayrá* (2017), esses elementos estão presentes nas diferentes posturas, nacionalidades, etnias, formas de falar de distintas personagens, as quais também são problematizadas no plano da narrativa:

Sob a luz do sol, encontraram um guerreiro. Sumé! O saudou Tukãsu. Montoya sentiu-se seguro, era a terceira vez que o recebiam dessa forma. Nas anteriores, nasceram reduções. *Sumé!* Montoya notou que os nativos passaram a chama-lo de *Sumé* em vez de avaré. Tal observação misturou-se com o pavor da morte. Rezou (CREMASCO, 2017, p. 103, grifos do autor).

Ainda, a paródia e o pastiche, as construções satíricas e irônicas, junto às intertextualidades com o texto bíblico, são frequentes no romance e sustentam o

tratamento desconstrucionista e desmistificador dado ao passado e às personagens históricas. Sobre essa temática, apoiado em Aínsa (1991), ao discutir e apontar características do novo romance histórico latino americano, Fleck (2017) aponta que

9- A releitura distanciada, carnavalizada ou anacrônica da história, que caracteriza essa narrativa, reflete-se numa escritura paródica. No interstício deliberado da escritura paródica, surge um sentido novo, um comentário crítico a respeito do significado peculiar de uma textualidade assumida, no qual a história reaparece sob uma visão burlesca ou sarcástica. No dualismo presente na não seriedade e na extrema seriedade com que a história é tratada nessa reescrita, decodificam-se seus signos e ela é despojada do absolutismo de suas verdades a fim de construir alegorias e fábulas morais;

10- A utilização deliberada de arcaísmos, pastiches ou paródias, associadas a um agudo sentido de humor, pressupõe uma maior preocupação com a linguagem, que, como ferramenta fundamental também desse novo tipo de romance, leva à dessacralizadora releitura do passado a que se propõem tais obras (FLECK, 2017, p. 70).

Além disso, no romance aqui analisado, há um jogo entre espaço e tempo, os capítulos, em geral bastante curtos, não seguem uma linearidade ou semi linearidade temporal, bem como não apresentam qualquer tipo de informação específica que possa colaborar na identificação cronológica. Os espaços geográficos também são bastante fluídos, as reduções são frequentemente alteradas, bem como as personagens enfocadas. Essa estratégia, seja pela ruptura com a linearidade narrativa, seja pela pluralidade interpretativa, também é expressiva da necessidade de afastar o discurso literário híbrido da concepção cronológica e linear da historiografia hegemônica – ou cartesiana, centrada na história dos acontecimentos (*événementielle*) –, por conseguinte, desestabiliza a versão histórica oficializada e viabiliza a resignificação do passado.

Nesse aspecto, ao afastar-se da representação convencional da história e ao apresentar a perspectiva do vencido, do marginalizado, há uma aproximação de Guayrá (2017) com uma peculiaridade relevante de duas outras tipologias, a metaficção historiográfica e o romance histórico contemporâneo de mediação: o foco narrativo ex-cêntrico. Esse, como já assinalado, procura evidenciar e privilegiar perspectivas “vistas de baixo” (SHARPE, 1992), aquelas até então rechaçadas, deixadas à margem, em detrimento de focar grandes personagens da história oficial. Ao revelar a ótica da população indígena, a narrativa possibilita “pela metáfora do uso da palavra, expressar suas visões e vivências de um passado de dominação

e subjugação.” (FLECK, 2017, p. 106). Essa reflexão é realizada, metafórica e literalmente, pela personagem Itawerá, nas últimas páginas do romance:

Aproximei, passei o dedo e o lambi. Devorei-o. A cada mordida, verti a lágrima de milhares de mortos. A cada dentada, um pedaço reconstruído do Guayrá em mim. A cada rasgo naquela carne, a minha saliva amolecia as dores das mulheres e dos guerreiros que não puderam lutar. Tenho-o, Jaguaçorovy. Que venham os mamelucos para vingá-lo. A minha vingança está na fome de meu espírito, na selvageria que sequer Cristo salva, pois em ti tenho a Ele. Tomei um de seus dedos, quebrei-o e suguei o tutano. Com o osso fiz uma incisão na minha perna direita, que dói. Ganhei outro nome: daquele sem voz e amedrontado, perdido no esquecimento. Antes de sair, ouvi o trepidar das chamas (CREMASCO, 2017, p. 298).

No excerto acima, fica explícita a dor pela perda e a revolta por aqueles que não puderam lutar, que foram mortos e esquecidos sistematicamente. A narrativa compartilha, portanto, uma atitude crítica e revisionista do passado, embrenhada de resistência contra o apagamento de um passado violento, doentio e perigoso, que os relatos da história eurocêntrica insistem em esquecer.

Algumas considerações

Neste texto se realizou uma breve análise sobre o novo romance histórico latino-americano *Guayrá* (2017), de Marco Aurélio Cremasco, com a finalidade de exhibir como, na diegese, o discurso ficcional relaciona-se ao discurso historiográfico para ressignificá-lo. A partir dessa análise embrionária foi possível identificar que, apesar de manter muitas aproximações com o discurso histórico oficial, a narrativa tenciona impugnar a capacidade do discurso histórico eurocêntrico de conduzir a uma versão única sobre o passado; e apresenta, assim, uma outra possível versão, uma reelaboração do passado paranaense durante as reduções guaraníticas sob a perspectiva dos autóctones.

Verificamos, também, como as estratégias narrativas desconstrucionistas e experimentalistas contribuem para essa percepção crítica e revisionista da história do estado, por meio de recursos narrativos como a polifonia e a heteroglossia, a paródia e as intertextualidades. Finalmente, ao ressignificar o discurso histórico eurocêntrico e colonial, por meio de uma perspectiva ex-cêntrica, com enfoque nas populações autóctones do século XVII, *Guayrá* (2017) é exemplar da postura de resistência contra

o apagamento e esquecimento de uma voz preterida pela história oficial sobre um momento nacional de abuso e violência.

Referências

AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. **Plural**, México, v. 240, 1991. p. 82-85.

CREMASCO, M. A. **Guayrá**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2017. 320 p.

FLECK, G. F. **O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas**. 2008. 333 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.

_____. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017. 308 p.

GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Trad. De Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. 48 p.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. 199 p.

MENTON, S. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. 312 p.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 39-62.

VARGAS LLOSA, M. **La verdad de las mentiras**. Madrid: Punto de lectura, S.L., 2007. 438 p.

Recebido em 29 de setembro de 2019
Aprovado em 08 de dezembro de 2019